

TRANSMIDIAÇÃO: JOVENS E O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DA SAGA CREPÚSCULO

Cleusa Albilíia de Almeida¹

O artigo apresenta parte de um estudo realizado com um grupo de jovens: fãs, leitoras e produtoras dos artefatos midiáticos da saga *Crepúsculo* (2005), elas fazem parte de escolas públicas e privadas de Cuiabá/MT, a pesquisa nos despertou o interesse pelo processo de transmediação da saga *Crepúsculo* (2005), do livro ao filme, do livro à internet. Busca apreender a processualidade dos sentidos pretendidos, no pólo da produção, e se estes são mantidos ou se modificam na transmediação. Chamaram-nos a atenção, além desses sentidos, outros textos publicados simultâneo ao lançamento dos filmes da saga em revistas *teens*, como *Capricho*, *TodaTeen* que fazem da saga um eterno devir e que determinam a preferência por leituras de revistas nesse segmento, por parte de jovens que cursam as séries finais do ciclo básico, a ponto de os programas educacionais inserirem tais leituras. Inquietou-nos, portanto, como os sentidos são produzidos num processo intersemiótico, interdiscursivo e transmidiático.

Palavras - chave: Jovens, Culturas e Tecnologia, Transmediação.

Introdução

Esta pesquisa originou-se de uma inquietação a respeito de leituras realizadas por adolescentes em uma escola estadual religiosa. O objeto de atenção tratava-se da saga de amor entre uma humana e um vampiro intitulada *Crepúsculo*. O discurso corrente nas escolas e na sociedade em geral é de que estudantes não gostam de ler e nem de escrever. Todavia, o que eu percebia era que jovens de um colégio religioso, ao invés do celular, do videogame, das brincadeiras e atividades físicas, no recreio, preferiam ler livros da saga *Crepúsculo* como também revistas semanais acerca de notícias da saga, a moda gerada por ela, notícias dos atores e atrizes etc.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS). Mestre do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - POSCOM. albilifma@gmail.com

Então, as adolescentes liam!

A partir deste dado, busquei saber mais detalhes da saga, lendo os livros impressos e, posteriormente, realizando leituras na internet. Dentre os materiais, deparei-me com as revistas femininas *teens* que traziam os desdobramentos da própria saga. Acompanhei o site oficial *Twilight* Brasil e o *Twiligh-nt* onde as releituras/reescrituras da série são inúmeras e possibilitavam ao leitor interação e interatividade. Nesses *sites*, que reúnem a *fandomination*, chamadas simplesmente de *fandoms*, há a reescritura da saga pela *ficwriters*, que reescrevem as histórias como lhes convém. Desse modo, as fãs assumem outra vertente, desenvolvem o potencial em produção.

Então, as adolescentes escreviam!

As juventudes e a formatação da nova cultura

Com ênfase das diversidades e das diferenças, os jovens são como sujeitos de direitos que vivem e se constituem na contemporaneidade em complexos contextos sociais e comunicativos, construídos histórica e culturalmente, mediados por significações sociais de seu mundo. Para tratar estas questões é importante retomar as intuições de pensadores contemporâneos, a exemplo de Edgar Morin (2002; 2003), que já alertava, desde as décadas de 1960 e 1970, para um fenômeno social que se torna mais visível, a partir da década de 1950 do século XX, e que hoje se expande em escala global, dada a profusão da indústria cultural e da cultura veiculada pelos meios de comunicação de massa. Trata-se da *cultura de massas*, assentada nos ideais de consumo e que promove uma espécie de segunda *juvenilização da sociedade*.

Esta cultura, segundo Morin (2002, p.153), se ancora na trindade *amor, beleza e juventude*. O cinema, a publicidade, a TV, o rádio, as novas tecnologias da comunicação e da informação são os meios responsáveis por sua veiculação. Tais meios assumem uma centralidade na construção dos novos mitos, imagens, modelos de comportamento, ideais de felicidade e valores que irão povoar o imaginário social, definindo como tipos ideais de homem e de mulher aqueles considerados *jovens, belos e sedutores*.

A tendência de *juvenilização da sociedade* decorre, assim, da transformação da adolescência em ideal social estetizado quer para as crianças, quer para os adultos e demais

grupos etários. O novo modelo de comportamento que de certa maneira assume a liderança na contemporaneidade.

Abad (2003b) contribui com essa discussão quando apresenta a diferença entre a condição e a situação juvenil, sendo a primeira, o modo como uma sociedade constitui e significa o momento do ciclo de vida, e a segunda, a situação que traduz os diferentes percursos que estes jovens experimentam com base nos mais diversos recortes: de classe, gênero e etnia. O autor destaca, ainda, a descontinuidade no processo linear, simétrico e ordenado da juventude pelo circuito família-escola-trabalho-emprego no mundo adulto, bem como a desinstitucionalização que lhe possibilita certa autonomia, a qual sugere experiências vitais precoces.

Na cultura contemporânea nos deparamos com a juventude que cria novos espaços de habitação e coabitação, novas formas de relacionamentos e outros ecossistemas comunicacionais. Segundo Cogo e Brignol (2010), a centralidade que a esfera midiática assume na vida cotidiana e nas relações sociais vem sendo discutida como uma importante reconfiguração com implicações de diversas ordens, inclusive nas relações de tempo e espaço e nas vivências identitárias. E segue a discussão e afirmam que as mídias penetram todas as instâncias da vida social, e estão no foco das discussões sobre globalização, mundialização da cultura e aceleração dos fluxos informacionais, sendo apontadas como protagonistas de mudanças nas interações sociais e nas formas de reconhecimento.

Freire Filho (2008) observa que a juventude, por mais que incompreendida e desacreditada, em algum momento da história, rechaçada em suas criações culturais, engendra um confronto com a geração que o precede, e é entendida, por ela, como incapaz de fazer uso dos meios racionais para construir e constituir suas próprias escolhas. Os antecessores creditam ser sua responsabilidade tutelar a juventude. Mas os jovens acabam por afirmar tais escolhas, cedo ou tarde, modificando os cenários culturais ao contestá-los.

Os jovens e adolescentes – os nativos digitais – filhos da tecnologia, vivem, pensam, agem, convivem e habitam simultaneamente diversas redes. Expõem-se, constroem opiniões, manifestam seus sentimentos e emoções, em uma nova lógica de privacidade no *Orkut*, *Twitter*, *blogs*, *Youtube*, *MSN*, *Facebook*, *Myspace*. Confere-lhes autonomia na construção de suas cosmovisões e nas transmídiações. São muitas as inquietações, angústias e desejos na busca de perceber o comportamento destes jovens nos

ecossistemas comunicacionais ou num viés que integre os adolescentes que seguem a saga *Crepúsculo* na cibercultura. É viável e coerente este raciocínio, pois se percebe que os jovens, membros de comunidades virtuais, interagem com rapidez e individualidade simultaneamente.

Para compreender a cibercultura, é necessário saber como se originou e entendê-la para assimilar que a cultura faz as articulações com todas as gerações e possibilita a convivência no sentido de aprimorar as intermédias. Para o autor André Lemos (2008, p.101) a cibercultura surge com os impactos socioculturais da microinformática.

O que é importante vai além ou até mesmo ultrapassa a questão tecnológica, o que marca a cibercultura não é somente o potencial das novas tecnologias, mas uma atitude.

Deleuze e Guattari (2000, p. 24) apostam na ideia do rizoma, caracterizado por sua conectividade, que seria uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade. Para eles, é importante ressaltar que, “existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar um rizoma”. Lévy (1999) enfatiza que, na *web*, não há hierarquia absoluta, mas cada *site* é um agente de seleção, de bifurcação ou de hierarquização parcial, os usuários devem reconstruir suas totalidades parciais de acordo com suas preferências e necessidades, pois o advento do ciberespaço não significa que tudo pode ser acessado, mas sim, que o “todo” está fora de alcance.

Preliminares da pesquisa...

Esse processo de intertextualidade e de interdiscursividade é marcante na passagem da leitura do livro e do livro para as telas; estas ações promovem produções de sentidos, a partir da interdiscursividade coletiva. O aporte teórico-metodológico é da netnografia, ou etnografia *online* e de grupo focal para a gestualidade presencial, onde se descrevem os processos de interlocução.

Conforme Bauer e Gaskell (2002, p.40), grupos focais são indicados para “explorar o espectro de atitudes, opiniões e comportamentos, observar os processo de consenso e divergência, adicionar detalhes contextuais a achados quantitativos, assuntos de interesse público (...) política (...), novas tecnologias”. Os autores consideram esse tipo de levantamento de dados indicado para pessoas que não sejam pertencentes a grupos tão

diversos, sendo dessa forma, uma opção adequada à pesquisa com usuários de um mesmo local.

As observações são de fundamentação semiodiscursiva, na pista dos indícios e do simbólico que congregam e marcam os fãs através dos interesses pelas atividades que envolvem a saga.

Foram aplicados questionários e entrevistas para os dez membros do grupo focal do Colégio Coração de Jesus, Cuiabá/MT. Os primeiros trouxeram os perfis que convergem para a admiração e a imitação de Bella, a eterna busca pelo príncipe encantado, representado no primeiro filme por Edward e no segundo por Jacob e Edward.

Os perfis traçados foram uma das ferramentas que favoreceram as possíveis análises em relação ao gênero, faixa etária, renda familiar, grau de escolaridade da família e do entrevistado. Para prosseguir com as análises referentes à saga, os dados coletados sobre a interação e interatividade dos fãs com o mundo tecnológico foram tabulados para melhor conhecer a realidade da vida dos seguidores e assim traçar o seu possível perfil.

Foram 10 participantes do grupo focal, garotas entre 10 e 18 anos de idade. Tendo, portanto, a predominância do sexo feminino. Confirma-se uma admiração primordial e encanto *por Bella Swan*, seguido pelo desejo de encontrarem um príncipe encantado como os retratados na saga, representados pelo vampiro Edward e o lobisomem Jacob.

Percebe-se a coincidência na renda familiar das entrevistadas, que prevalece entre 4 a 6 salários. Duas das entrevistadas coincidem na renda familiar com mais de 6 salários. Estes dados permitem analisar as condições que dispõem para usufruírem melhor das mídias em geral.

Quanto à escolaridade dos familiares das jovens entrevistadas, possuem curso superior completo e exercem as mais variadas profissões. Estes dados, marcam a pesquisa quanto à realização das leituras feitas e das produções que estas poderão criar mediante o diálogo com seus pais.

As entrevistadas cursam o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Das 10 participantes, metade para cada etapa de ensino, este dado permite perceber um número igual de participantes pertencentes aos grupos de ensino. Os diálogos favorecem os debates relativos à saga sobre temas específicos e interesses diferenciados.

Ao que se referem às possíveis atividades que frequentam, obteve uma variedade considerável de respostas, algumas entrevistadas responderam que estudam inglês; quatro praticam academia dentre outros esportes e duas não participam de nenhuma atividade.

Quando indagadas há quanto tempo fazem uso do computador, elas afirmaram que fazem uso da máquina há mais de dois anos, sendo fácil o acesso e o acompanhamento da saga em todas as mídias. O grau de escolaridade dos pais e das próprias meninas do grupo focal facilitou algumas considerações em relação ao bom tempo de uso do computador.

Outro item da pesquisa foi o local de acesso diário ao computador/internet; todas afirmam que acessam a internet na própria casa, o que facilita a produção, a leitura e o movimento entre os mais buscados.

Sobre tempo/horas que gastam no acesso ao computador/internet no cotidiano, os resultados das entrevistas obtiveram essas informações. Três ficam no computador/internet mais de 4 horas; cinco delas entre 1 e 2 horas; duas de 2 a 4 horas. Nenhuma das entrevistadas fica menos que 1 hora por dia.

Para a grande maioria do grupo focal, quando questionadas sobre o que buscam na internet responderam - e esse é um dado em comum - que querem acessar livros na internet. A segunda opção são as curiosidades em geral, depois os sites de relacionamento, correspondências e outros.

As preferências pelos sites mais buscados pelas entrevistadas estão evidenciadas nas próprias respostas dadas. Liderou o *Orkut* e o *MSN*, em seguida *tfc.cuiabá*, *twilightmt* e outros. Elas especificaram a procura por filmes e seriados, sendo unânimes na escolha. Buscam informações relacionadas a *Crepúsculo*, além de se responsabilizarem pela assiduidade de acessos ao site *Twilightmt* e garantirem a alimentação do mesmo.

Os locais onde residem as entrevistadas: Centro Sul, Bosque da Saúde, Santa Amália, Mário Palma, Dom Aquino e Jardim Imperial – Várzea Grande. Os bairros citados e habitados favorecem o acesso à internet. Todos comportam uma estrutura capaz de atender aos requisitos que possibilitam uma interatividade com o lazer, a cultura e aos meios tecnológicos.

Grupo focal do Colégio Coração de Jesus (CCJ) / MT

A opção por grupo focal é devido às condições encontradas no ambiente de trabalho, ambiente educativo e principalmente por se tratar de grupos juvenis envolvidos pelos contextos interculturais presentes na contemporaneidade.

Deste modo, faço uma breve diferenciação de grupo focal e grupo de discussão. Segundo Gaskell (2002, p. 79), os grupos focais podem ser definidos como uma esfera pública ideal, já que se trata de um debate aberto e acessível, onde todos os assuntos em questão são de interesse comum, as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração e o debate se fundamenta em uma discussão racional.

Os grupos focais são geralmente constituídos por um número de seis a oito pessoas, que são convidadas a debater sobre um determinado assunto com a ajuda de um moderador. O grupo focal do CCJ era composto por 10 membros e eu enquanto pesquisadora. Conforme Gaskell (2002) existem pelo menos três progenitores ou tradições associados à utilização de grupos focais como técnica de entrevista, sendo eles: a) a tradição da terapia de grupo (Tavistock Institute); b) a avaliação da eficácia da comunicação (Merton; Kendall, 1984); c) a tradição da dinâmica de grupo em psicologia social (Lewin). Os grupos focais se apresentam como um método quase naturalista de geração de representações sociais mediante a simulação de discursos.

Como grupo de discussão representa um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos subprodutos ocasionais de outro relacionado ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros.

O nosso aporte é o grupo focal do CCJ/MT, que nasceu com o propósito primeiro de ler o livro, escolher as melhores cenas contemplando os gostos pessoais e, em seguida, assistir ao filme, buscando fazer um estudo e/ou um diálogo comparativo de pesquisadora e de fãs apaixonadas pela saga.

O grupo, como já mencionado, era formado por 10 meninas, provindas de vários bairros localizados na cidade de Cuiabá, cinco eram do Ensino Fundamental II e cinco do Ensino Médio, sendo entre a faixa etária de 10 a 18 anos, em comum tinham o desejo de

rever, reler, recordar e discutir o que foi mais importante antes, durante e após o lançamento de cada livro seguido de seus respectivos filmes.

Um dado curioso é fato de todas terem em seus quartos, seja individual ou não, pôsteres dos ídolos: Bella, Jacob e Edward. Notou-se ainda que para as meninas entre 10 a 14 anos, a preferência total e alucinante era pelo vampiro, dando a compreender o desejo pelo amor impossível, e pelo romantismo do homem perfeito nas condições do amor e não do físico. E para as meninas entre 15 a 18 anos havia grande interesse pelo lobisomem: homem bem definido, extremamente forte e atraente, permitindo entender o interesse pelo desejo e fascínio sexual.

Observando os sentidos construídos

Em uma análise parcial referente a esta pesquisa, pode-se observar que as respostas dadas ao questionário e a entrevista foram solicitadas por alguém (eu, enquanto sujeito pesquisador). A pesquisadora solicitou as fãs da série literária *Crepúsculo* que respondessem ao questionário (para traçar-lhes o perfil) e a entrevista foi proposta para conhecer seus discursos.

O discurso produzido pode ser analisado pelo texto que o engendra. Pode-se afirmar que texto no caso escrito, forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. Textualidade é uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Assim como um texto não se inicia nele nem se encerra, depreende-se que a intertextualidade é inerente ao processo de produção. Foram solicitadas referências nas entrevistas sobre outros textos, como os trabalhos produzidos referentes à saga, o que leram o que reescreveram e sobre o que mais quisessem informar.

A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona de alguma forma com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros. Na busca das atribuições de sentidos, após traçar o perfil, foi analisada cada forma de resposta dada e foi possível perceber três discursos: a) o discurso das interlocutoras da série, onde não se nota nada além do discurso da participação; b) da admiração pela saga; c)

pelos textos transmidiados a partir dela. São discursos das adolescentes e jovens de 10 a 18 anos.

Um discurso comum entre várias entrevistas é o discurso do pertencimento à comunidade de seguidores da saga *Crepúsculo*, seja pelas leituras dos livros ou pelo discurso da admiração pelos textos produzidos, ou o ato de reescrever apenas. Os sentidos são o de prazer, responsabilidade e, de algumas delas, de orgulho e vaidade. Percebe-se com base nas respostas das entrevistadas que as fãs enfatizam características positivas sobre a sua postura. Quando questionadas sobre a relação que mantêm com os sites sobre a saga ou com o próprio *Twilight Brasil*, as respostas são como autopromoções, as fãs mostram que não são meras leitoras ou fãs passivas, mas idolatram e transmitem suas produções.

O processo de transmediação no ato de ler, reler, ver e rever

Foram quatro volumes impressos, sendo que cada volume era composto por aproximadamente 400 páginas de pura adrenalina, suspense, romance, perigo, risos e sonhos. Nessas condições infinitas de recontar todas as partes importantes, ousei selecionar algumas das cenas, lidas e revistas mil vezes em um encontro e em outros encontros, mais noventa vezes (sem exagero). Um dado curioso nessa etapa foi a emoção transmitida pelas fãs a cada lida/relida/visto/revisto das cenas, parecia que o real era àquela hora, o momento esperado era aquele; como pesquisadora confesso que me surpreendi, porém o trabalho foi realizado a partir das escolhas feitas coletivamente, na expressão de suas emoções enquanto liam e quando assistiam as super produções.

Primeiro livro: *Crepúsculo* – foram escolhidas as cenas:

a) **o Prólogo** – que no livro faz um anúncio de como será o destino de Bella durante todo o seu percurso na saga. Assim traz o relato do livro 1 – *Crepúsculo* (2005, p. 11).

Nunca pensei muito em como morreria – embora nos últimos meses tivesse motivos suficientes para isso. [...] O caçador sorriu de um jeito simpático enquanto avançava para me matar.

Essa é a reescritura do primeiro livro, e no filme a primeira cena que é o prólogo do livro, a voz de Bella está em *off*, proferindo os mesmos dizeres do livro e a imagem de Edward atacando o veado na floresta.

Para as fãs do grupo focal do CCJ/MT, após calorosa discussão, chegou-se a conclusão que a cena foi modificada, pois ao ler no livro impresso, têm-se outras ideias, personagens criados na imaginação e, de repente, na tela aparecem ataques de “vampiros do bem”, os que não bebem sangue humano. Mas, ao mesmo tempo foi fiel à proposta da autora para o decorrer da trama entre a humana e o vampiro. Houve então uma modificação sem perder o foco principal criado ao ler o livro.

Para todas houve prejuízo na apresentação das figuras, pois para elas teria sido mais importante criar e recriar, como fizeram a partir do texto escrito.

Pareceu-me, num primeiro momento, que um discurso corrente ali se instalava, ou seja, de que o livro era melhor que o filme.

Todavia, indagadas se preferiam o livro ou o filme, ficaram em dúvida. Dúvida que permeou todas as atividades de descrição e comparação feitas pelo grupo em todas as cenas selecionadas para tal. Há momentos em que relatam preferência por um ou outro, há momentos em que consideram mais completo um que outro, há momentos em que gostam mais de um que de outro.

Terceiro livro e filme: *Eclipse*. As principais cenas escolhidas pelo grupo focal do CCJ/MT:

a) **Triângulo amoroso, Edward, Bella e Jacob:** o livro é um tratado de escolhas que Bella deverá fazer; ela precisa optar entre dois destinos: lobos ou vampiros. No livro é bem claro que, para Bella se tornar vampira, ela precisa deixar de ser humana, enquanto se ela escolher viver com o lobisomem, ela não precisa deixar de ser humana, apenas seguir o culto próprio dos lobisomens.

Os lobisomens são opostos dos vampiros, sua temperatura é de 42 ° a 43 ° e eles têm essa febre com a presença de vampiros.

Com estas cenas em destaques busquei sinalizar o empenho do grupo focal CCJ/MT durante esses meses de discussão de parar diante das cenas prediletas, da recordação que, mesmo apesar do tempo, reinventou as emoções, as lágrimas e os risos em prazer de assistir e ao mesmo tempo produzir efeitos de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Sempre em devir

Jovens, culturas, livros, telas e mediações foram vertentes utilizadas para comportar o desejo de responder aos questionamentos provindos da contemporaneidade onde os jovens e adolescentes estão inseridos e da qual foi pertinente à busca de compreender seus artefatos como produção cultural e marca do fenômeno intitulado de saga *Crepúsculo*.

Trata-se, enfim, de vislumbrar, de construir uma proposta de atualização crítica e reflexiva sobre as complexas condições de vida dos jovens na contemporaneidade e aprofundar a recepção e o papel deles como atores diante das mídias.

Em devir, ficam outros estudos e outras histórias de vidas e sagas...

Referências Bibliográficas

- ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (orgs.). *Políticas públicas: juventude em pauta*, São Paulo: Cortez, 2003 .
- BAUER, M. W. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Guareschi, P. (trad.). Petrópolis: Vozes, 2002.
- COGO, D. “Multiculturalismo e campo midiático: ‘narrativas’ sobre as identidades nos 500 anos de Descobrimento do Brasil”. In: MALDONADO, Alberto Efendy (org.). *Mídia e processos socioculturais*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. p. 43-77.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.
- FRAGOSO, S. *Métodos de pesquisa para internet* / Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral. – Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FREIRE FILHO, J. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In BORELLI, S. e FREIRE FILHO, J. *Culturas Juvenis no século XXI* (orgs.). São Paulo: Educ, 2008.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2004.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. Tradução Susana Alexandria. – 2.ed.- São Paulo: Aleph, 2009.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: necrose*. V. II. tr.br. Agenor Soares Santos. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.